

DEPÓSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIALISTICO

Associação Literária de

ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSE DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SERGIO



Um Padre-Nosso Internacional



OCTAVIO SERGIO

Perdoai-nos, Senhor, as nossas dívidas...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

A
ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

14 ADEGAS:

- Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.
- Rua das Fontainhas, 198-195.
- Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).
- Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Telef. 5802.
- Rua da Constituição, 1395.
- Rua de S. Roque da Lameira, 2785.
- Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Telef. 2484.
- Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).
- Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).
- Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 905.
- Rua Anselmo Braancamp, 633.
- Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314—FOZ.
Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da
da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA
de vinho autêntico velho do Porto!

Muita gente julga que o

PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas
a verdade é que êle faz de tudo
o que diz respeito a camisaria:
ATÉ BONS PREÇOS.

NAS →

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,
todos os artigos teem um
cunho parisiense inexcelável

• AUX GALERIES LAFAYETTE •

Se algum dia a

MARIA RITA

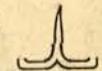
mudar a sua característica toi-
lete, irá fazê-lo de-certo na céle-
bre casa de modas

Albano Ramos Pais

NA

Rua de Sá da Bandeira

e ficará na ÚLTIMA MODA



RÁDIO



TELEFONIA



V. Ex.ª está comprador de um receptor ou de qualquer
acessório para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome
qualquer resolução sem visitar a **CASA FORTE**, o maior
depósito de artigos de Rádio.

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao
dispor de V. Ex.ª aos melhores preços do mercado.

CASA FORTE

SÉDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telefone 4111

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Não tenho, confesso, grande admiração pelas Musas.

Quando nada tenho que fazer e me disponho a atacar o verso, é certo e sabido que, após repetidos assaltos ao Pégaso, só algumas parelhas se me apresentam dignas de arquivo.

Este afinal não me condena como destituído de bom gosto. Há muita gente que, quando se dispõe a atacar o verso, só regista no seu efectivo parelhas e mais parelhas.

Donde se conhece que é assaz perigoso cultivar-se o verso.

Talvez porque o meu instinto assim o compreende, eu sinto uma grande aversão à rua onde moro: a Rua das Musas.

E' uma nunca acabar de musas, nesta poética artéria da cidade velha. Se não caminhamos com as devidas cautelas — logo uma musa, disfarçada em casca de laranja, de melancia ou de banana, nos convida... a dar com o verso na calçada.

E o verso fica gemebundo, sem aquela graça e sem aquele perfume que impuseram, à Academia de Ciências, o verso do imortal Julinho.

Noite alta, é sempre possível encontrar-se um poeta às voltas com o verso, a puchar pela inspiração.

Sanguessugas, alforrecas
— que grande cheiro a cuecas...

Voltemos à direita — e ei-nos na Travessa das Musas. Aqui há poéticos armazéns onde a inspiração se vende ao litro e à garrafa, desde a inspiração verde à inspiração madura, com passagem forçada pela inspiração ginja. (Devo garantir, entre parênteses, que não pretendo plagiar o Almerindo Lessa).

E' esta Travessa marginada de várias ilhas dos amores, onde os poetas enamorados bebem a inspiração nas grutas e fontes mais succulentas das suas ninfas.

Alforrecas, sanguessugas
— que grande cheiro a peúgas...

Ao fundo da Travessa, depois da Mimi do *vassoureiro* nos ter mimoseado com um sorriso, por entre o piassaba do pai, surge-nos de frente a afamada enfermaria do Ximenes, onde o Dr. Campos Monteiro, filho, se dispõe a tratar-nos, por preços sem competência, do estro sifilizado.

Estamos agora em plena Rua do Bomjardim. Sinto-me no meu elemento: o Bomjardim é uma rua prosaica — e eu adoro a prosa, quando mais não seja por pirraça à rua onde moro.

Não se invoque o nome da rua — bom jardim — para se lhe atribuir poeticidade. O nome nada tem com o verso, nem este com as calças (Vidé — «Oforésnos Outigos»).

Se assim fôra não havia rua mais poética do que a de Malmerendas, pois os poetas da vossa terra são forçados a *mal merendas* — razão porque muitas vezes se resolvem a morrer de fome, o que os impõe à admiração dos seus patricios que, num futuro próximo, tratam de lhes erigir estátuas, com legendas esculpadas em mármore e que, geralmente, rezam assim: — «Depois do poeta morto, cevada ao verso» (Continuai a folhear os «Aforismos Antigos»).

Mas voltemos ao Bomjardim (íamos já quasi a chegar ao cimo de Costa Cabral...).

O Bomjardim conseguiu libertar-me das musas.

Já posso agora, MARIA RITA, contar-te, em prosa corrente, as minhas memórias de estudante informável.

Como os tempos vão maus, já não há noivas ricas que se decidam, heróicamente, a fazer dos futuros doutores uma espécie de damas de companhia.

Não vale a pena ir-se para uma praia elegante ou terma *chic* à cata dum bom partido, desde que os camaradas integralistas resolveram dar combate aos partidos — com o pensamento reservado de os reservar todos para seu amo e senhor, o menino Duarte Nuno, um *pessegão jettoso*, no dizer da sua tia Aldegundes.

Assim sendo, resolvi-me ficar na cidade a gozar as férias. Gozar — é uma fôrça de expressão. Hoje em dia já se não goza nada — porque já está tudo gozado.

Só o António Ferro um *leviano* que naufragou no *mar alto* e que julga ter feito figura com o *estenderete*, é que se abalançou a gozar Portugal inteiro, com uns pândegos estrangeirados que até nós vieram, para fazerem a crítica da velha culinária lusitana.

Mas é que o António Ferro é o *rei* da piada nacional — muito embora, para disfarçar êle se afirme republicano histórico.

Isto é uma história bastante complicada que, MARIA RITA, te não deve interessar demasiado, pois não quiere que a rir... morras pela segunda vez.

E' preferível contar-te a minha história. Todos os homens de génio teem uma história. (Exemplificando: — Góis, Azurara, Mendes dos Remédios, Fernão Lopes, Fortunato de Almeida, Herculano, Rui de Pina, Rocha Martins, etc., etc.).

O Júlio Dantas, coitado, não tem uma história, mas tem *crónicas* — e que *crónicas*! Pois se êle é o Presidente Crónico da Academia dos Imortais.

Como esta carta já vai longa — teem de ficar as historietas para uma outra que te escreverei na próxima semana.

O que há-de fazer um estudante em férias? — O que fêz durante o ano: levar a vida a rir, não vá o diabo ser tendeiro e a gente perder o treino...

Acceita um ósculo do teu filho adoptivo

Inácio de LANHOLA.

ANUNCIOS da MARIA RITA

DÃO-SE: alviçaras, a quem provar pertencer-lhe uma grafonola, achada na Praça da Liberdade, mesmo por trás do cavalo, ontem às 10 horas da manhã.

DESEJA-SE: travar relações com senhora nova e bonita, mesmo sem meios de fortuna, para estabelecer uma sociedade de socorro mútuo. Tem a benção eclesiástica a seguir à cerimónia do Registo Civil.

CRIADA: precisa-se, especializada em contas de dividir, para administrar os bens dos patrões que são poucos. Prefere-se que seja de idade madura e tenha um bom pé de meia, para ajudar às despesas.

Tia MARIA RITA:

Novamente,
Alegres, recebi suas notícias.
Tudo bem? Isso aí são mil delícias!
— Cá os de côr nos roemos mutuamente.

D. Angola está muito contristada
Porque uns tipos bazófiros e janotas
Mandaram ao diabo as suas notas,
Como papel que já não vale nada.

E a pobre rapariga, em viva mágoa,
Prende o burrinho, muito aborrecida,
Talvez com a ideia decidida
De... não q'rer dar com os burrinhos n'água.

E tem tantos haveres, a donzela!
— A ver... os diamantes p'rá Inglaterra...
— A ver... os minerais dentro da terra...
— A ver... a agricultura a ir-se à vela...

E em meio de haver tanto, inda há quem diga,
Com petulância vil e extraordinária,
Que a boa rapariga
Baptizou a «vinhaça monetária».

«Saciai, vilanagem! Vinde a ela,
Chegai à pipa... abri bem a torneira!
Ainda há pinga que encha uma gamela,
Ainda dá tremenda bebedeira!

E quando, exausta, a môça da taberna
— Esta Angola abnegada até ao extremo,
Der a alma ao Criador e o corpo ao Demo,
Atai-lhe êste epitáfio a uma perna:

«Aqui jaz uma tôla e vil carcaça
Que, por gosto, ficou na pele e no ôsso,
Dando a polpa, riquíssima vinhaça
E oito tostões, de graça.
Reza-lhe um padre-nosso».

Adeus, Ti' Mari'Rita, não a maço
Mais com ideias... negras. Adeuzinho!
Acceite um grande abraço
De seu sobrinho amigo

Migue-LINHO.

Posta restante

Serafim Rodrigues, Africa — Recebidos os seus interessantísimos desenhos, que vão imediatamente ser publicados, como merecem. Quando estiver de bolha, mande mais. Um xi coração cá da rapaziada.

S. M., Aveiro — Recebemos a sua carta sobre os *Ecos de Cacia*. O amigo exagera um tanto nas penalidades pedidas para o órgão das asneiras. Aquilo só pelo que tem de cómico, se não existisse seria preciso inventá-lo.

Deixá-los escrevê-los que nós os comentaremos...

Leão Pardo — Sim, senhor, vamos submeter ao encarregado da Secção ao *Rua das Musas* a sua opinião sobre o concurso:

Horácio Faria Cabral, Seia — O amigo tem muita razão e não somos nós que lha vamos negar... Mas... a verdade é que somos *muitos* nesta coisa da censura às glosas. Veja lá se adivinha. Branco é, galinha o pôe.

Por muito que faça, nunca a mulher consegue igualar o homem. Nem o pijama lhe dá a carta de alforria que ela pretende.

Balancete da semana

Viana... Trofa... Festas... Romarias...
Toca a folgar! — A Vida são dois dias!

Isto aqui para nós:

O Português tem uma linda voz,
e, porque a quer' mostrar,
zaz! desata a cantar
em casa, pelas ruas, nas novenas...

Na Romaria, então, são as pequenas,
lindas como alvoradas,
brancas como açucenas,
entoando baladas,

rimances inocentes: O «*quem é
que me chupa o burrié?*»
y muchas cosas mas...

Vai à Trofa ou Viana, e tu verás...

O' doce Inspiração

do Povo casto — Poeta singular!

Outr'ora, era o «*Sardão,
Sardão que vais p'r'o Mar!*»

.....
Agora, como a Terra anda maluca
dão-lhe de «*truca, truca, bazaruca!*»

*

* * *

Ali na Foz é vê-los
mostrando a linda estética dos pêlos.
Nem homens, nem bonecos:
São antropopitécos
com atitudes de Ramon Novarro...

— E' cada besta p'ra puchar um carro!

As senhoras, porém,
castas como Vestais

só mostram do que teem
quási tudo. Só «quási» — e nada mais...
Fazer nudismo? Horror! Que porcaria!

Ali, em pleno dia,
terem de armar em Evas? — Tentações
para quê, se já não surgem Adões
capazes de trincar

um pômo, quanto mais, filhos, um par!?

Nas salsas ondas, vogam suculentas
Venus, de formas doces, opulentas,
tão bem alimentadas,
de carnes mal passadas

nas brasas de Cupido — o eterno engodo —
que um velho, como eu, rasga-se todo!

.....
O Nu! Que coisa feia
só no Homem — feiíssimo animal!

.....
Vint'anos menos — 'stava na Cadeia
por um ultrage vil contra a Moral!

o homem da atmosfera, estratosfera e outras feras mais,
mandou à MARIA RITA os
seguintes telegramas:

Primeiro:

*15:300 metros de altitude, próximo
do sol. MARIA RITA: obrigado pelo
teu rádio. Está aqui um frio dos diabos.
Sensibilizado tua lembrança meia dúzia
charutos meu nome.*

Esclarecendo, diremos a V. Ex.^a que
a MARIA RITA mandou confeccionar
propositadamente uma marca especial
de charutos em homenagem a este formidável sábio. São charutos de *picar*.

Segundo:

*16:500 metros altitude quási no céu.
MARIA RITA: recomendações do S. Pedro a todos os carecas lá da casa! A
Estrada de S. Tiago anda em reparação.
Espírito Santo só dá 2% de juros.
Aparelhos deixaram de funcionar. Meu
aparelho digestivo, que era um verdadeiro
aparelho de precisão acompanhou
os outros.*

Terceiro:

*Novamente em terra. Horas de comer.
MARIA RITA: Saído-te efusivamente.
Obrigado teu segundo rádio.
A estas horas estou nos braços rainha
dos Belgas. Pela primeira vez esta
senhora sente Piccard no seio.*

Quarto:

*Já em casa. Horas de dormir. Cá
está o D'Annunzio! Rogo peçam desculpa
meu nome ao António Ferro.
Farei brevemente um livro intitulado:
«D'Annunzio e eu, ambos no ar». De
tôdas homenagens recebidas mais como-
veu minha alma foi a vossa. Minha mu-
lher contente bola não ter rebadento.
Adeus.*

*

* * *

Como não pode deixar de ser, a
MARIA RITA sente-se ufana com a
importância demonstrada. E espiolhando
bem a razão desta preferência só en-
contra esta: o professor julgou a MA-
RIA RITA a representante dum país,
onde anda tanta gente no ar, e a suces-
sora do célebre Ferramenta.

A FOZ AO NATURAL

ou o Nudismo tal qual se fala

A MARIA RITA, nos tempos que vão decorrendo, de combóios mistérios, de suspensão de pagamentos e de banhos forçados no registo civil por causa dos três anos de degedro, não se deixa levar por aparências; gosta de ver e de comer de tudo ao natural. Foi por isso que, desconfiando absolutamente do que lhe diziam, resolveu intrometer os consabidos óculos no local do sinistro.

O que diziam à MARIA RITA

Eram coisas que se não acreditam facilmente.

Diziam, por exemplo, que as areias da praia da Foz, no dia seguinte a um Domingo, o que às vezes costuma calhar à segunda-feira, não são areias. São ossos de frango, espinhas de pescada, cascas de melancia, restos de cogumelos e pudins com incrustações de pevides de uva.

— Que o nudismo é de tal forma que até se vê a ôlo nu.

— Que os modernos pijamas são largos da cinta para baixo e apertadíssimos da cintura para cima. Tão apertados que a gente até chega a ter pena das pombinhas que vão presas.

— Que o molhe às vezes molha mesmo, e que há lá pescador que tem pescado safios e pêras...

Mas...

Já atrás dissemos que a MARIA RITA não se deixa levar pelas primeiras impressões. E nesta conformidade vestiu o seu impecável *maillot* e foi para a Foz passar uns dias.

Afinal era tudo « mintira »

Andou de barraca em barraca. Foi a todos os « bars » (incluindo o bar-beiro) e percorreu de cabo a rabo as avenidas estrangeiras (Brasil e Montevideu).

Nestas últimas, notou que a-pesar-de terem suspendido os pagamentos, tôda a gente passeava como se não tivesse havido guerra na China.

Havia, é certo, um ou outro banco em adiantado estado de decomposição, e um grupo aqui, outro acolá, dava

realmente a impressão da conferência de Genebra Focking.

Nas barracas, a vida era normal, nor-péssima mesmo. Dizia-se todo o mal possível dos vizinhos de ambos os sexos, punham-se as pernas das mulheres nas posições mais herméticas possível, e cada pessoa tratava de se disfarçar o melhor que podia: com *batons*, com o sol, com o iodo.

Na areia então era um consôlo. Não eram bem as cascas de melancia anunciadas, nem as espinhas, nem os ossos! Quais ossos?!... Carninha sem espinhas nenhuma, e cascas sim, de melão apimentado.

A hora do banho

Nesta abençoada horinha da Foz é que a gente fica sabendo a razão porque as costas do nosso país teem tantos nomes coloridos. Realmente êle há costas que nos põem verdes, vermelhos e envergonhados.

Nós vimos umas costas do sol, queimadas, que até apetecia veraneiar!...

Quanto aos pijamas quási nem podemos falar dêles. E se não fôssem as tais apertadelas da cintura para cima, bem se podia julgar que eram marujinhas as mulheres banhistas.

As calças são em forma de alçapão e mais largas em baixo do que as bôcas do mundo. Depois em cima duas taças de champanhe cobertas com dois calcanhares de meias. Atrás não levam nada... ou quási nada.

A' MARIA RITA um pijama dêstes ficava-lhe que era um amor: Só em lugar de dois calcanhares de meia, foram precisas duas coberturas de timbales.

E' claro que nesta primeira impressão da praia, só nos temos referido ao elemento magno da Foz. Do sexo masculino falaremos depois.

E de tal maneira de lá viemos que hoje só gritamos:

— *Dai-nos Foz ou Fos-fiodoglicina* para podermos ter saúde e bom gôsto na bôca.



MARIA RITA há 50 anos

Faz hoje precisamente 50 anos que se registou o maior calor dêsse verão. O termómetro marcou, à sombra, 38°, pelo que os cafés do Pôrto, nessa época, não tiveram limões que chegassem aos pedidos de refrescos dos seus numerosos fregueses.

E' com saúde que se lembra, nestas linhas, que a limonada dêsse tempo custava um vintém. Hoje custa 1\$20 €, com \$30 de gorjeta, 1\$50.

PERFIS DO PORTO

XVIII

DR. ABEL PACHECO



OCTAVIO
JERONIMO
1932

Um grande cirurgião. Especialista em laparotomias.

A TRISTE FEIA



As mulheres feias são como as flores secas: ninguém as colhe

CONTOS HUMORÍSTICOS

À volta dum edital

Na progressiva Aldeia-da-Ponte-a-Pé andavam os membros da freguesia atarefados com os festejos comemorativos do centenário da descoberta da lata, facto notável que os enchia de orgulho, pela razão de ter sido um aldeiapontenseap o primeiro cidadão a usar do estanhado metal numa indústria de latas para conservas de burrié.

O programa era colossal. Três filarmónicas, entre elas a célebre filarmónica da outra margem do rio, Sociedade Musical e Sonora da Outra Banda, viriam abrilhantar com os seus compassos binários e ordinários as festas do centenário.

Um desafio de foot-ball entre os figadaes adversários «Pega na Borracha Foot-ball Club»

e Desportivo de Aldeia-da-Ponte-a-Pé, campeão quarenta anos seguidos... por falta de competidores iniciaria a parte desportiva.

Uma corrida de bicicletas que constava de cinco voltas e meia no largo da Escola, para principiantes; outra para júniores, e outra ainda para meio-pesados.

Um combate de sôco para «moscas»; lançamento de discos de gramofone e uma corrida um pouco pedestre para senhoras casadas.

Um grandioso concurso de «Tiro aos Pratos», sendo estes substituídos por panelas e cafeteiras velhas.

Haveria também uma tourada de «cartel», em que seriam lidadas oito vacas gordas e man-

sas, tendo sido contratados o inofensível «espada» espanhol Don Juan da Silva, El Aldraron II, e o bandarilheiro «El Fenomeno de la Vila Real de Trás-os-Montes».

Algumas vistosas barracas elevavam-se já no recinto da Feira das Amostras, onde brilharham os produtos agrícolas e fabris da região, tais como: feijão carrapato, amora da horta, caracóis, arame farpado, fundos para alguidares, etc.

Uma Companhia de Circo apresentaria ao respeitável público os seus trabalhos acrobáticos e equestres, absolutamente sensacionais, contando entre eles o grande número «Triple salto em cuecas», que fez forror em Berlim e Figueiró dos Vinhos.

A luz eléctrica seria também inaugurada com todas as honras, contando-se para essa noite com o concurso de alguns pirotécnicos. Razão tinham, pois, os membros da freguesia em andar atarefados.

E quando tudo caminhava numa «maré de rosas» — como dizem os Tcheco-eslovacos — surgiu um grande obstáculo. Era preciso elaborar um edital, pelo qual o povo da terra e os forasteiros soubessem a lei em que viviam naqueles dias de regalofo.

O regedor prontificou-se logo para o fazer, e, quando os membros reuniram na botica, eis o que ouviram ler à autoridade local, que era naquela ocasião uma autoridade bocal:

EDITAL

«Nós, abaixo assinados, membros da Comissão dos Festejos do Centenário da Lata, lembramos aos srs. forasteiros e povo desta aldeia o seguinte:

E' proibido discutir política ou envolver-se em desordem.

Quem comer e beber, paga. Quem não tiver dinheiro, pode retirar para muito longe. Não são permitidos ajuntamentos de mais de cinco bêbados.

Fica revogada a legislação em contrário.»

O sr. Neves, boticário, discordou; o mestre-escola não gostou; o veterinário fez cara, e todos pediram que se fizessem alguns cortes.

O regedor riscou o que lhe pediam e leu:

EDITAL

«Nós, abaixo assinados, membros da Comissão dos Festejos da Lata, lembramos aos srs. forasteiros o seguinte:

E' proibido discutir política.»

O escrivão de direito, que era torto, achou que devia ter mais uns cortes.

O regedor leu, então:

EDITAL

«Nós, abaixo assinados, membros da Comissão da Lata.

E' proibido discutir.»

Azedaram-se os ânimos, discutiu-se acaloradamente, e por fim o regedor leu:

EDITAL

«Nós abaixo assinados, membros da Comissão dos Festejos do Centenário da Lata, lembramos o seguinte:

Não é proibido discutir política, nem envolver-se em desordem.

Quem comer e beber, paga... se quiser. Quem não tiver dinheiro, é favor pedi-lo às pessoas abastadas desta terra.

São permitidos todos os ajuntamentos, roubos e mais abusos... mas só aos bêbados.

A legislação não fica revogada... antes pelo contrário.

*Joaquim Pardal, regedor
António Melro, escrivão
Miguel Rôla, proprietário
Neves Gaivota, farmacêutico
Luís Pintassilgo, veterinário
João Canário, professor.*

José ROSADO.



Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Começaremos hoje pelo conspícuo *Diário de Notícias*. Na sua secção de anúncios, trazia êste:

Mina

Vende-se, de ferro, por 2.000\$00 ou menos, concessionada, virgem. R. Correios, 71, 1.º, 3 ds 7 h.

O que é perfeito e sério. Mas logo em seguida inseria êste outro:

Senhora

Nova, honesta e bonita. Pode empréstimo de 500 escudos a cavalheiro respeitável.

E nós ficamos sem saber onde é que ficava a verdadeira mina. Se na primeira que era virgem ou na segunda que era apenas honesta. Abençoada publicidade.

Outro do mesmo jornal e quasi do mesmo teor:

Senhora

Nova, apresentável e instruída para acompanhar cavalheiro distinto, e de meia idade, em viagens de automóvel. Resposta ao n.º 664, Rossio, 42.

De onde se prova que a esta *madame*, não lhe servem todos os meios de locomoção. Mas fica-se sabendo que todos os meios lhe são bons para conseguir andar de automóvel. O progresso traz destas caturrices.

E logo abaixo, do mesmo número:

Curia

Oferecem-se 2 lugares em automóvel a duas senhoras. Partida em 16. Resposta a êste jornal, ao n.º 335.

Por esta forma, igualmente se comprova que as senhoras não ocupam o mesmo espaço que os homens, ou então o fim da viagem não é precisamente na Curia. Talvez vão a Roma... E' uma questão de acento.

O que seria fácil era a senhora de cima arranjar uma amiga — deve-as ter — e ocupar os tais espaços do carro. Outra coisa nos falta saber: é se é um ou mais os viajantes do carro. Se fôr um só daqui lhe enviamos um abraço de portuguêsinho valente.

Cá temos, agora, o nosso célebre

“Ecos de Cacia”

que nos valeu até hoje três ameaças de morte e duas de marmeleiro.

Começaremos por um exórdio formidável à

A industria

A unica maneira de combatermos tão horrosa crise de trabalho consiste em que todos os bons portugueses, e aqueles que tenham sentido ou sintam os efeitos da falta de trabalho, e não só estes como todos nós, é nosso dever auxiliarmos a Indústria Portuguesa.

e que é, afinal uma comprovação da maneira como se debelará a crise internacional. E' pena que êste redactor não fôsse enviado à conferência de Genebra.

E agora cá temos nós a célebre carta de Avanca, hoje, absolutamente desportiva:

Carta

Avanca

FOOT-BALL

Deslucou-se no Domingo a Murtosa, a associação académica foot-ball Avancanense, que ali jogaram contra a associação infantil Murtuense, tendo sido os primeiros vencidos por 2 a 0. Pois já era de esperar que estes fosse vencidos, visto que eram 11 crianças contra 11 homens de borba na cara e de uma istatura brutal que cada um dos Murtuenses equivalia por dois Avancanenses, e estes temendo-se da fortalidade do seu adversário e a brutalidade como jogavão não conceguram marcar goal.

Por ela, ficamos sabendo que os *vencidos* ou *vendidos*, ou lá que diabo eram, não passavam de crianças a lutar com homens de *barba* na cara e de uma *istatura* brutal. E que, se cada um dos *Murtuenses* valia por dois *avancanenses* não conseguiram marcar *goal* a-pesar-da sua *fortalidade* e da fraquesa do *adversario*...

A' Céus! Mas onde irá êste homem arranjar tanta pouca vergonha!

Agora um bocadinho de *Notícias da Sociedade*. Leiam:

— Vindo de Oliveira de Azemeis, onde é, grande industrial de danificação há muitos anos, encontra-se na Quinta e acompanhado com sua esposa e filhinhos o nosso particular omigo e assinante sr. Manuel Lourenço, a quem apresentamos as nossas boas vindas.

Nós é que não podemos de maneira alguma apresentar cumprimentos a um homem que é *grande industrial de danificação*. De contrário seríamos uns malvados.

Leram, não é verdade? Pois a-pesar

disto tudo, há alguém, que se dirige assim à redacção do *Ecos de Cacia*:

Pois bem, o «Ecos de Cacia» preza-se de ter cumprido o programa dos bons jornais, e estamos certos que êle saberá continuar a honrar-se e a honrar a Nação Portuguesa.

E essa esperança — deixai-me dizer um pleonismo — vive em mim cada vez mais viva.

E nós dizemos que é pena não morrer cada vez mais morta.

N. B. — Acêrca dêste caso de Cacia, ainda se encontram incrédulos julgando que somos nós quem inventamos asneirada. A êsses, podemos garantir convictamente que o *Ecos de Cacia*, existe, publica-se tôdas as semanas em Quintans do Loureiro, de Cacia, e nunca foi proibido de circular. Além disto publica ainda um *desplemento mensal de literatura* (ai Jesus!) de que nos ocuparemos oportunamente.



Ironias em 4 versos

Maria das Dores: tristeza
Sei que sentes, na verdade.
Temes perder a beleza
Co' as dores da maternidade...

Teus olhos pretos, que bem
Que ficam ao nome tu!
— A noite é linda também
Doce Maria do Céu!...

De-certo podes pecar:
Tens no teu nome o perdão.
Maria és tu para amar
Depois... Purificação...

Chamam-te linda, bem sei;
Não fazem mais do que eu fiz.
Chamam-te o que eu te chamei
... Querem o mesmo que eu quis!

Dos teus olhos há quem diga:
— Que olhar tão lindo e tão terno!
Tem cautela rapariga,
Não olhes contra o Governo...

Tens um estilo sisudo
Quando me escreves a mim:
Primeiro ofereces-me tudo
Pedes-me tudo no fim.

Rui da ORTEGA.

O delírio fascísto-bolcheviróstico

== Camisas e capacetes == A revolta anda di lá == Que pasa em España? ==



Hindemburgo

O Mundo está tuberculizado, epiléptico, neurasténico, sifilítico, paranóico e especificolondrí-fico! As convulsões psicopáticas que lhe percorrem as artérias citadinas e rurais, podem filiar-se na artério-esclerose das emancipações comunistas [com atrofia-mento dos gânglios adjacentes e fascismo entero-colítico dos intestinos mem-branosos.

Isto é mesmo assim, embora pese aos dois afamados esculápios cá da gazeta.

A MARIA RITA dá a volta ao mundo

Para auscultar o coração das cinco partes do globo, um dos membros redatoriais da MARIA RITA, foi pelo mundo em fora, para observar a ôlho nu, — ou quasi nu, porque só levava cuecas — os locais mais contaminados pela lepra «burgueso-bolchevista», que vai gangrenando misteriosamente (a gan-grena-mistério, ó pai da vida!) os al-cerces mórbidos da sociedade caduca e combalida.

Para percorrer rapidamente os sítios onde irrompe com mais violência o vulcão vermelho das reivindicações, o membro viajero e cosmopolita da MARIA RITA, inventou um novo avião, formado por um aparelho da T. S. F. com duas asas de môscas de Milão, a que deu o nome de *Telefoplano*. Na

parte de trás viaja uma rapariga cha-mada Alice, para substituir a outra helice que já se não usa por ter um «agá» aspirado.

Instalado no «Telefohidro avião plano», percorreu o citado membro as cidades mais importantes da Alemanha, da Espanha e do Brasil.

Que foi que êle viu?
Viu o que os nossos bem-aventura-dos leitores vão ver nas linhas que se seguem.

E é tudo o que êle viu que vocelên-cias vão ler? Não!

Porque há coisas que um membro vê e não pode divulgar a ninguém!

Na República-Imperial da Alemanha

Hamburgo—Reina agitação nos cafés e nos chás de Hamburgo.

Os «Capacetes de aço» revoltaram-se e foram em perseguição dos «Bonets de Cobre».

Os «Camisas verdes» atacaram esta manhã os «Camisolas azues», que recua-ram até à linha de fogo, ao centro dos «Cuecas Negras».

Os «Piugas por lavar» deram a sua adesão ao movimento, que tende a alas-trar-se pelas «Calças pardas», subir pelos «Suspensórios Roxos», e amarrotar-lhe os «Colarinhos Vermelhos».

Consta que o Kaiser vai ser procla-mado presidente da República.

Berlim—A capital está convulsio-nada. Os Hitlerianos de 1932 e 33 preparam o assalto ao poder.

Hindemburgo, o rei da República Alemã, resolveu combater os «nazis» por forma violenta e enérgica.

Quando o Hitler o foi visitar, ameaçando-o com o partido «nazi», o velho Hindemburgo, respondeu-lhe:

— Sabe que mais?! Meta-me o «nazi» no tu...bo de escape do meu Packard!

Esta frase divulgou-se, e é hoje o grito de guerra contra os hitlerianos. Todos os comunistas compraram auto-móveis, conservando o escape aberto, para o que der e vier.

Leipzig—Este centro musical anda muito desafinado. Esta noite foi desco-berito um «comité» revolucionário no «Conservatório de Música».

Um trombone vendido à Rússia ver-melha era o chefe da revolta.

Um piano de cauda e um contra-basso também estavam implicados no movimento, ao qual já tinham aderido um fagote, um cornetim, um violoncelo e duas flautas.

A polícia prevenida a tempo ainda pode deitar a mão a uma das flautas.

A' última hora consta que todos os músicos aderiram, só o do bombo é que não!

Cariocas e Paulistas— O S. Paulo revoltado

Rio de Janeiro—Os federais estão vitoriosos. Há federais em todos os Estados: casados, solteiros e viúvos.



OCTAVIO FERREIRO

E' uma federência geral, que se não pára com o cheiro.

Alguns Estados ficaram em mau es-tado devido à revolução.

O Rio Grande encolheu-se e ficou muito mais pequeno.

O Mato Grosso foi dividido em dois.

Aproveitou-se o «mato» para adubo das terras e o «grosso» foi para quem o quis levar para casa.

Pará—Os constitucionais avançam. Chegaram ao Pará e gritaram:— «No

Pará não se pára. Para a frente é que é o caminho!»— Os revoltosos já toma-ram Amazonas, obrigando-as a descer abaixo dos cavalos.

Em Manaus confraternizaram fede-raís e revoltosos. Dão-se todos como se fôssem manos, talvez por estarem em Manaus.

Baía—Os constitucionais ocuparam a cidade. O assalto foi efectuado pelo regimento do Vatapá, auxiliado pela cavalaria da Goiabada.

A artilharia do Pirarucu resistiu, dando descargas sucessivas e espa-lhando gases asfixiantes.

As tropas invadiram o estado de Sergipe. Quando chegaram ao Natal, pediram duas horas de armistício para descansarem e comerem duas raba-nadas.

Minas Gerais—A revolução pro-gride. O general Flores desfolhou-se e murchou. O general Pila é que con-tinua na brecha, tendo passado por Pe-lotas para atacar Curitiba pelas costas.

Consta que Pila se portou como um herói, caindo em poder dêle a pri-meira parte de Curitiba...

S. Paulo—Venceram os constitu-cionais. Reina grande entusiasmo.

Rio de Janeiro—Venceram os fede-raís. As manifestações são delirantes.

Nuestros hermanos — Viva la gracia! Olé! Olé!

Madrid—A intentona monárquica está completamente jugulada.

Os chefes da revolta eram D. Miguel Unamuno, Rodrigo Soriano e o mecâ-nico Rada. Se a monarquia vencesse seria proclamado rei o conhecido rea-cionário com asas, Ramon Franco.

A semana passada professaram quin-hentos comunistas no convento da En-carnacion. Por tal motivo efectuou-se uma corrida de touros na praça Monu-mental de Madrid, sendo espada o notá-vel matador «Arcebispo de Toledo», que saíu da praça em ombros, abençoando a multidão.

Barcelona— Continua a zaragata mo-tivada pelo «Estatuto da Catalunha Par-turiente para Ambos os Sexos».

Segóvia e Porriños pretenderam avançar sôbre a capital. Porriños con-seguiu chegar às barreiras, mas Segó- via ficou a meio do caminho.

Em S. Sebastian com o ruído dos canhões, caíram três setas ao santo.

Madrid—Continuam as manifesta-ções de regozijo. Alguns republicanos



Azaña

dotados de bons sentimentos, percorrem as ruas pedindo a pena de morte para os revoltosos. No caso de alguns serem executados, espera-se que D. Afonso XIII venha assistir em com-bóio especial.

A' última hora

Madrid, 25—O Supremo Tribu-nal condenou Sanjurjo à pena de morte, por indicação do Governo de Azaña.

Madrid, 25—Por indicação do Su-premo Tribunal, o Governo está reü-nido para dar o indulto a Sanjurjo.



PASSEIO ALEGRE

... Escutar até morrer

A conferência que o Doutor Vegetable tinha marcada para a hora certa, estava despertando um interesse além de toda a expectativa.

E' que ao Dr. Vegetable estavam sendo atribuídas qualidades dum altíssimo tribuno.

Até então tinha-se limitado a presidir a assembleias gerais de tudo e por tudo. Passou a ser quasi imprescindível. E como o vissem sempre presidindo às mais variadas coisas, passaram a considerá-lo como uma daquelas criaturas que sabem o que fazem. Porque o que dizia não tinha valor nenhum: pouco ia além dos consabidos:

— Meus senhores: está aberta a sessão. Vimos aqui tratar dum assunto que é do conhecimento da douta assembleia, e eu dou a palavra a quem ma pedir.

Ou então:

— Tem a palavra o sr. Fulano...

E' verdade: também sabia tocar a campainha.

Mas neste dia a coisa era diferente. A sua conferência tinha sido anunciada aos cinco ventos — aos quatro do costume e ao sr. Dr. Bento Carqueja, cujos cabelos brancos respeitamos. — Por isso toda a gente se encontrou movida pela curiosidade, essa feminina força que nos leva a espreitar por um buraco de fechadura.

E encheu-se a sala. Meia hora antes já todos os bancos estavam a abarrotar de clientes. Pairava no ar aquela impaciência que os pais tem depois de nove meses e dez dias de casados.

Quando entrou o Dr. Vegetable, foi recebido como Jesus em Domingo de Ramos: com uma salva de palmas. Depois fez-se silêncio.

E o Dr. Vegetable, que tinha subordinado o nome da sua conferência ao título de

A influência vulcanica das cinzas argentinas sobre as modificações do Peru,

começou a sua peroração.

Durante o primeiro quarto de hora falou da vida, e... foram-se embora 52 ouvintes. No segundo quarto, falou da morte, e retiraram mais 67. E quando chegou ao terceiro quarto, a sala era já um quarto minguante.

E que a conferência ia excedendo toda a expectativa. De princípio esperou-se pelo melhor.

A pouco e pouco foi-se esperando por alguma coisa de bom. E depois, anciava-se pelo fim.

Mas êle, como médico, quando chegou ao capítulo das erupções, desenvolveu para ali um proficientíssimo trabalho de profilaxia.

Iam decorridas duas horas e meia de palestra, e na sala restavam três convivas, que quer dizer: com vidas.

Um dêles aproveitou uma frase de efeito em que o orador era obrigado a fechar os olhos para dar realce, e safo-se...

Ora bem: é preciso que digamos, antes de mais nada, que o Dr. Vegetable bem via fugir-lhe o auditório. O seu olhar anotou as fugas uma a uma. E o desespero ia-o tomando à medida que caminhava para os vulcões.

Ao fim de três horas viu com espanto que só tinha um auditor na sua frente. Mirou-o bem de frente e chegou-se até às crateras. Estava inflamadíssimo, e o desgraçado ouvinte estava em brazas.

E tal calor tomou, que o ouvinte julgou-o transportado às regiões sulfúreas e aproveitou a ida para se raspar. Já não podia mais. Havia três horas e meia que estava ali. Pé ante pé, ia a dirigir-se para a porta, quando ouviu num enormíssimo berro:

— Alto aí! Pare, senão disparo!

Era o Dr. Vegetable que lhe apontava uma pistola.

E o desgraçado gaguejou, parando:

— Se diz pare! Eu paro, mas não dispare... Que pena! Já estava tão pertinho da porta!

— Aonde é que o senhor ia?

— Saiba V. Ex.^a que me ia embora... Tenho que fazer...

— Então o amigo julgava que eu ficaria sem ninguém que me escutasse!

E ao mesmo tempo que o mandava assentar, sempre de pistola apontada, preparava-se para continuar o seu discurso.

O outro, coitado, ouviu mais cinco minutos; mas, não se contendo, interrompeu:

— Vossa Excelência faz-me um favor? elucidame sobre o tamanho da sua conferência?

O Doutor Vegetable olhou-o, com aquele olhar ameaçador do condutor de gentes, e disse:

— Estou já em meio...

Viu-se então, oh Céus! Oh! Sempre Virgens!... o desgraçado ouvinte, desaperpear febrilmente a sua camisa branca, e oferecer o peito às balas, dizendo moribundamente:

— Vamos Doutor! Faça falar a força...

J. d'A.

Na sala de pensar

A mulher, o amor e a morte, significam a cabeça, o tronco e os pés dum corpo.

Quanto mais ardente fôr o amor duma mulher, mais o homem deve desconfiar dela. Ou lha pregou ou está para lha pregar.

Dizem que a mulher é a metade do homem. Mentira! A mulher é tão inteira, que uma só tem a maldade de cem homens.

Postal multado

INVASÃO DE FORMIGAS

Numa esplêndida casa da Rua de Vaugirard em Paris houve uma tremenda invasão de formigas cor-de-rosa... Os habitantes do luxuoso prédio tiveram que abandonar mas levando consigo, agarrado ao corpo, milhares de insectos...! Uma dama, noite alta, teve que abandonar o leito pelo mesmo motivo, etc.

(De O Noticias Agrícola.)

E' caso p'ra comentar
E com certo humor feliz
O que acontece em Paris
Na Rua de Vaugirard,

E' verdade nua e crua
P'ra quem tem miolo inteiro:
Nunca foi mais verdadeiro
E justo o nome da rua!

A ciência pressurosa
Vai de pronto batalhar
P'ra de todo exterminar
A formiga cor-de-rosa!

Mas de balde hão-de empregar
A ciência toda, toda:
Se Paris decreta a moda
E' que a moda vai pegar.

E os Barros & C.^a,
Numa «pose» trique-trique,
Vão expor à freguesia
Quanto a moda tem de chic.

Fernando Ramos, à antiga,
Minuete até não mais,
Nos cantará madrigais
Sobre a moda da formiga!

E num francês todo chose,
No Matos & Serpa Pinto,
Ouviremos, já pressinto:
«Dernier chic? Fourmi rose!»

E bem pegada a cantiga
As madamas, dia a dia,
Estudarão à porfia
Como hão-de usar a formiga.

E um fulano lambareiro,
Se assim melhor lhe souber,
Pode entrever na mulher
A fase do açucareiro...

O que não quer, por sinal,
Dizer que a moda é barata...
Criando-se a forma ingrata
Do açucareiro... com sal!

E se a moda entra na ordem
Um homem muda a cantiga:
Pois passa a ser a formiga
E não macacos que o mordem!

FILÓSOFO.

DECLARAÇÃO

José Ferreira, preso em resultado da cena sangrenta que a semana passada relatamos aos nossos leitores e da qual foi vítima o também seu homónimo José Ferreira, para evitar mal entendidos, vem por êste meio declarar que êle não é o José Ferreira que morreu, mas sim o que está vivo.

N. da R. — Publicamos a notícia acima com a reserva que ela requiere, pois não temos dados certos para afirmar que seja a expressão da verdade.

FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Fala-se com insistência em que vai ser suprimida a plantação de vinhedos.

Por mim, acho bem; muito bem. Assim como assim, suprima-se tudo. Somente, e em nome da ilusão, tenho pena.

Eu não sei se tu sabes, MARIA RITA, o que é... plantar uma videira! Naturalmente não sabes. Os da cidade só conhecem, do reino vegetal, as plantas dos pés; — e é pouco...

Plantar uma videira é abrir um buraco com um metro de fundo, pelo menos; atirar para esse buraco uma colina verde de folhagem, tapá-la com a terra que se tirou; fica sempre uma corcova, alta e fôla... Depois, planta-se em cima, numa covinha mais pequena feita nessa corcova, um pauzinho ressequido com três radiculas hipotéticas; o *barbado*, assim chamado no tempo em que ainda o não tinham gletizado. Plantado o pauzinho, o resto, tudo o resto, — é sonho... Um grão de milho é uma certeza imediata demais; uma oliveira é uma certeza demasiado remota. Daquele pauzinho, o que a gente espera tem a duração das grandes paixões: — 3 anos. Sobeeja para entreter; não chega para cansar. Proibir a plantação de vinhas não é restringir a produção ao vinho, restrita por sua natureza ao que as alfândegas do mildio deixam passar; não é desafogar o mercado, visto que onde não há ninguém que merque coisa nenhuma, tanto faz que essa coisa nenhuma seja representada por 100 como que o seja por 1.000; não é melhorar a qualidade do que se propôs, pois purificar o vinhoavinagrandando o viniculado é impossível e anti-psicológico. Não. Proibir a plantação de vinhedos é cortar à ilusão uma das grandes províncias do seu império. Já lhe tem cortado tantas, que, verdade, verdade, mais valeria deixar-lhe ficar essa... Mas a hora é uma hora prática, rude, positiva. Os ponteiros só fazem pontaria à realidade. Acertam sempre. O que vale é que não param nunca...

Houve na Espanha uma revolução muito patúsca; uma verdadeira patúsca. Meia dúzia de cavalheiros irascíveis, sem preparação nem cuidado, deliberaram derrubar o governo. Para implantar o quê? *Num xe xabe*, nem mesmo na Galiza. A coisa rebentou na Andaluzia, que, por ser o grande foco de perseguição aos conservadores, e por estes serem pouco dados a resistir à onda, preferindo fugir adiante dela, — vai deixar de ser Andaluzia para passar a ser Correluzia, Raspateluzia, ou coisa semelhante. (O caso é tão sério que em Lisboa até se inquietaram há que tempos as águas do largo do Andaluz). O governo por um momento, dançou as sevilhanas na corda bamba.

Mas é um governo muito alto, um governo Azaña-Céus; e, se é certo que no governo há gato, é um gato azanhado, sempre de temer. Na grande tourada à espanhola que é a vida política do país vizinho, Sanjurjo quis entrar a matar; deu meia dúzia de passos perdidos, quis saltar à... fronteira, e foi colhido. Coitado. Teve o que se chama uma pouca sorte de gaiola. Deve estar a estas horas muito arrependido do que não fez.

Entretanto, a gula parlamentar afia o dente para os haveres dos implicados e dos não implicados; — tudo é comer. E a dança continua. A Espanha, coitada, não está nada católica, por muito católica que seja. Deve ser este o seu lema contemporâneo: — revolução e água benta cada qual toma a que quer.

Mussolini impôs o fascismo com muita energia, muita tenacidade, uma saúdação com a mão aberta, uma camisa cor de carvão, —

e óleo de rícinos. Foram sólidos e firmes trunfos.

O meu amigo Hitler também tem muita energia, muita tenacidade; mas fecha a mão, não tem camisa, e usa, em vez de óleo de rícinos, outras arenas de fogo central. As vítimas de Mussolini tinham apenas um estágio no Purgatório; — pequeno ou grande, conforme a dose. As de Hitler, ou as dos terroristas que o servem, vão logo direitas, às profundas dos infernos. Tenho a impressão de que a bala que mata é num caso assim muito menos de aconselhar do que o remédio que amolenta. Hitler, e os seus, cometem um erro. Ser vítima de uma carabina ou de uma pistola, é trágico. Ser vítima de um laxante, — é cômico. A bala, mata o ser e faz nascer o mártir. O ricino, aniquila o prestígio e não faz nascer coisa que se veja... A bala, faz mal. O ricino, faz efeito.

E' preciso que alguém, no mundo, fale alto ao Hitler. Eu falo. Tu falas, conigo. Nós falamos. E falamos alto, muito alto. (Não te assustas: êle só entende alemão...)

Eterniza-se a guerra civil brasileira. Eu bem sei que, num país quasi do tamanho da Europa, a coisa não pode ir assim. Mas faz-me pena ver o Brasil a enlutar-se numa guerra assim. O Império deu-lhe um coesão poderosa, — ao lado da fragmentação de repúblicas em que se desfêz a América espanhola. Estaremos em vésperas de assistir a um triste e feio desmembramento? Permita Deus que não.

Tenho a impressão de que o presidente Getúlio não soube ser suficientemente enérgico lá dentro, — limitando a sua ousadia a um calote em massa (com propriedade o digo!) aos credores externos. Um ditador ou é ditador ou desaparece. E o presidente Getúlio só era ditador nas horas Vargas...

E' muito grande, e muito triste, a crise dos músicos.

E, por mais que se faça, não tem outra solução que não seja o desaparecimento, próximo ou remoto, de muitos deles. Não é culpa de ninguém, porque é culpa de toda a gente. O cinema sonoro — matou a orquestra dos cinemas chamada silenciosos. O gramafone, a gramafonola ajudam à missa de *requiem*. E a telefonia sem fios é o coqueiro. Enquanto um músico, metido numa toca, em Toulouse, puder ser ouvido por todo o mundo, (e a coisa não leva geitos de cura, antes pelo contrário) — hão de sempre ficar a pão e laranja todos os músicos que directamente, tocariam o que aquele toca.

Antes de Guttemberg inventar a imprensa, com certeza que havia muitos calígrafos profissionais, muitos escribas mais ou menos acocorados; a imprensa não foi um progresso de arte, mas impôs-se. Da mesma forma, os músicos são agora os calígrafos do som... Ficarão os que forem grandes artistas; os outros, tocarão fiauta em família, como eu te escrevo cartas.

O que te digo não impede, porém, que seja muito sincera a minha pena de os ver e saber aflitos; são um bando de rouxinóis acossados pelo vendaval...

Ainda um dia te hei de falar mais longamente deste palpitante assunto: — *As alfândegas profissionais*.

Não é paradoxo. E' assim mesmo. Como em torno da produção de cada país se erguem barreiras de fisco que a defendem, — o que é justo — em torno de cada profissão erguem os que a exercem outras alfândegas iguais; iguais, não; muito piores, porque não tem pés, nem cabeça, nem viúlbure de razão moral que as justifique. Os sindicatos profissio-

nais] de toda a espécie, começaram por ser núcleos simpáticos, defendiam e enobreciam uma profissão; hoje, são armas afiadas que só defendem os que tem a sorte de ser titulares dessa profissão. E' injusto em tudo, se se pensa bem, mesmo nas regalías dos advogados e dos médicos, que são, quanto a exclusivismos de exercício, excessivas. Mas, no campo da Arte, são *absurdas*, e ameaçam matar a própria arte, o que é mais grave. Portugal é o único país do mundo onde uma pessoa que quer representar uma peça não pode fazê-lo sem... fazer o curso no Conservatório. Eu acho ótimo que exista um Conservatório, e se quisesse ser actor certamente me matricularia nesse conservatório. Mas *livremente*.

Por força, é tolice. E só faz mal à arte. E' uma coisa tão monstruosa como monstruoso seria decretar: — só pode ser jornalista ou escritor quem tiver pelo menos o Cursos dos Liceus. Porque a verdade, MARIA RITA, a verdade nua e crua, é que se pode ser um grande actor sem se ter frequentado o Conservatório; — tal como há sublimes escritores e maravilhosos jornalistas que nem sequer sabem gramática...

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Se calhar... calhou

A revolução do Sião foi uma luta fratricida, que produziu o milagre científico de separar os irmãos... siameses.

Quando os homens perdem a cabeça ao verem passar uma mulher bonita, as outras mulheres contentam-se em voltá-la para ver.

Tudo ou nada, exige o amor. E o matrimónio, produto híbrido desse mesmo amor, modifica assim: tudo e nada.

O calor dilata os corpos... e as almas



— O meu marido, a-pesar-da idade, está cada vez mais apaixonado.

— Deixa lá, filha, isso há-de ser do calor.



Glosas recebidas... e publicadas com atraso:

Meu amor não põe escolhos
A's minhas escapadelas.
Se namoro outras donzelas,
O meu amor fecha os olhos.
Evita fazer resólhos,
Não manifesta rancor.
A barulhos tem horror,
Até falar alto evita:
Coisa estupenda! — só grita,
Quando the fato de amor.

Leão Pardo.

S. João, alma jovial
Em um corpo de alfenim,
Um dia interpela assim
S. Pedro vem no jornal:
Quem és tu, Pedro, afinal?
Não passes de um pobrezinho
Deplado p'lo povinho,
Que quer que a história se torça.
Ora pois, se és calvo à força,
Vai comprar um capacetinho.

(Bengueta).

Leão Pardo.

Para o mote

Quem de vidro tem telhado,
Não anda de noite às gatas...

recebemos as seguintes aproveitáveis

GLOSAS:

Comigo tens repontado
Porque eu ando a namorar!...
Não atira pedra ao ar
Quem de vidro tem telhado!...
E p'ra que tens o cuidado
Em andares tu de alpercatas
Pela noite! Assim recatas,
As conquistas, pelo o visto!...
Quem é serio, não fiz isto:
Não anda de noite às gatas!!

Alfredo Cunha (Raza).

Três «glosas» postas de lado!
Assim, senhores, quem medra!...
Que não atire outra pedra
Quem de vidro tem telhado,
Se é que fui um pouco ousado,
Ora, «meninos»... batatas!...
Desculpem-me estas bravatas;
Mas nesta «Rua das Musas»,
Quem já não pode dar fusos,
Não anda de noite às gatas.

(Seia).

Agá Larbac.

Diz-nos um velho ditado,
Ser uma coisa bem feia;
O falar da vida alheia,
Quem de vidro tem telhado,
E tu, amigo Bernardo,
Vê se o meu conselho acatas.
Deixa te de zaragatas,
Se ponderado, tem siso!
Pois quem tem algum juízo,
Não anda de noite às gatas...

Figueira do Inferno.

Por qualquer doença lscado
Já s'encontra muita gente,
E' preciso ser prudente
Quem de vidro tem telhado,
Quem quer ser acatelado
Evita coisas ingratas.
Bem como «drogas» baratas,
Pois quem é pessoa esperta
Joga sempre pela certa
Não anda de noite às gatas.

Horriavel.

Todo o homem que é casado,
Ou perto está de o ser,
Muita atenção deve ter:
Quem de vidro tem telhado,
E o quer ver bem conservado,
Não se mete em zaragatas,
Nem faz novas concordatas.
P'ra ser feliz no seu lar,
E maus exemplos não dar,
Não anda de noite às gatas.

A. L. (Marialva).

Não te disse o mês passado,
Minha atrevida Zulmira,
Que pedradas não atira
Quem de vidro tem telhado?...
Disseste, sim, meu amado,
Mas por isso não me batas
Porque as pedras são batatas
Que eu costumava atirar...
Quem as não quer apanhar
Não anda de noite às gatas...

Sepol.

Depois de eu ter viajado,
Num «hidro» sobre a cidade,
Descobri e com verdade,
Quem de vidro tem telhado.
Isto é um caso arrumado,
De andar sempre em zaragatas,
Coisas grotescas e chatas,
Que só causam prejuizo,
Porque quem tiver juizo,
Não anda de noite às gatas...

Delfim de Freitas.

Não pode andar sossegado
O meu amigo João
Porque lá diz o rifão
Quem de vidro tem telhado...
E quem ficar marimbado
Em conquistas buratas
Não arranja p'ra batatas
Sempre lhe acontece mal...
Quem não quer cair em tal
Não anda de noite às gatas.

João das Crastas.

Não te faças alheado
Nem parvo de instintos maus,
Pcis não actua calhaus
Quem de vidro tem telhado!
Julgas as mulheres por patas...
Como piolhos que matas...
Quem quer ter o instrumento
Com vigor ou com alento,
Não anda de noite às gatas!

(Aceiro).

Zé Maria.

Sou rapaz bem educado,
De boa ponderação,
Causando-me confusão,
Quem de vidro tem telhado,
Que se parte. Acatelado
Deve andar sem cataratas,
Sem rompantes, nem bravatas,
Qual felino artoeiro e forte,
Se na vida quer ter sorte,
Não anda de noite às gatas...

Rei Louro.

Foi um gato condenado
A ficar sem uma orelha,
Por ter partido uma telha,
Quem de vidro tem telhado.
Disse o juiz ao julgando,
Só perde co'as zaragatas
Dos mius em serenatas;
E quem amor tem às orelhas,
Deixa os telhados e quelhas,
Não anda de noite às gatas.

Amaral.

Mote para o próximo número:

Arranjei um auto-lata,
Para passear ao Domingo...

Dentro em breve a MARIA RITA abrirá entre os seus glosadores um formidável concurso, com prémios de valor.



SUSTO JUSTIFICADO

Sala de estar. Augusto, de pé, oferece um cigarro a Fernando, que enterrado num «mape», se mostra muito agitado.

AUGUSTO — Vá! Descansa! Começa por fumares este delicioso cork-tipped e depois me dirás a razão da tua visita que, embora extemporânea, me é muito agradável.

FERNANDO, nervoso — Descansar? Como queres tu que eu descanse? Ah! Enquanto não vir resolvido este maldito assunto, não tenho um minuto de sossego!

AUGUSTO — Mas... o que tens? Começas a impacientar-me! O que te trouxe a minha casa?

FERNANDO — Vou dizer-te em duas palavras. Vim cá para... (num arranco) para te convidar para meu padrinho.

AUGUSTO, surpreso — Para... teu padrinho? Querem ver que... Meu pobre amigo! Como eu compreendo agora o teu desassossego!

FERNANDO — Sim! Para padrinho de um duelo de morte, no qual um dos contendores perderá a vida no campo da honra. (Conserva-se de cabeça entre as mãos.)

AUGUSTO — Dizes... um duelo de morte? Ah! Ainda bem! (rindo-se) Que susto me preste! Julguei que me vinhas convidar para padrinho do teu casamento!

Dr. KNOX.

Bem boa!

Do Diário da Manhã, de 23 do corrente, na «Carta de Coimbra»:

«Falecimento

Realizou-se o funeral da sr.^a D. Albertina Rufina da Costa Martins, de 80 anos, para o cemitério da Conchada. Em tão má hora para ali foi, que, tendo despido o casaco para estar à sua vontade, lhe furtaram uma corrente de ouro e relógio de aço.»

Isto de um cadáver ir em má hora para o cemitério, já tem graça que baste, mas o de despir o casaco para estar mais à sua vontade... é com certeza de fazer rir um morto.

E' triste.

Para mais, uma senhora de 80 anos, com corrente de ouro e relógio de aço!

Na mesma «Carta de Coimbra» do mesmo Diário da Manhã, vem esta notícia:

«Má merenda

No dia 20 do corrente o sr. Custódio Ferreira, morador na Quinta da Nora, freguesia de Santo Antonio dos Olivais, foi até ao rio Mondego a fim de merendar.»

E' claro que se trata de um facto de alta importância para a Nação a merendasilha do sr. Custódio.

O leitor percebe, está visto, comparando as duas notícias, que houve um salto tipográfico...



Quem é?

Entre mulher's, é impecável.
Entre jóias, um farol.
E a graça com que êle faz.
uma mesura à Rei Sol?

Porque lhe chamam *Maneca*?
Sim. Porquê? Não m'ó dizeis?
Se muito vale em centavos,
ainda mais vale em *Reis*...

XENOFONTE.

Anexim

Lucas é feio, zarolho, corcunda,
coxo, maneta, sem dentes, careca,
mas despertou paixoneta profunda
numa donzela bonita e com *teca*...

Vendo-os passar, braço dado, contentes,
ambos flamantes, risonhos, — então
dizem ao Lucas: — E' certo o rifão:
"....." (?)

MAKAVENKO II.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
— Sales Ribeiro. *Anexim* — «Quem tem medo
compra um cão».

Matadores: Reiobi, Campeão, Toneca Barbas,
Cardial Mina, Rei dos Borlistas, Brancuras.

Anedota

Um dia, dois caçadores
Cheios de audácia e coragem,
Resolvem hórridas feras,
Caçar no mato selvagem.

Partiram; mas quando o dia
já já a declinar,
Grandes nuvens de mosquitos
Os começam a atacar.

Um deles lembrou: — «Armemos,
Mas sem o tempo perder,
Uma pequena barraca
Pra ela nos defender.

E depois, já quando a noite
Fôr bastante adiantada,
Neste local solitário
Começará a caçada».

A barraca foi armada.
Então, tomaram alento!
Sós, depois, bem resguardados
Pensaram no seu tormento:

— «Vê se já foram embora».
Diz um, cheio de coragem.
Vai o outro espreita, e vê,
Por entre a densa ramagem,

Pirilampos que cintilam.
Corre cheio de aflição,
Abraça seu companheiro
Com ânsias no coração.

E diz, tremendo de medo,
Com a voz já mal segura:
— «Os malditos... andam... andam...
Com luz... à nossa procura...»

(Aveiro).

Zé MARIA.



A beleza da Engrácia

A Engrácia era uma criatura bastante desengraçada, mesmo muito desengraçada, sonoramente falando até se lhe poderia chamar 100 por cento de desengraçada.

Começando a analisá-la pelos alicerces, deparavam-se-nos logo duas plantas pedicuras pouco odoríferas e embelezadas por dois joanetes já de maior idade e livres do recrutamento. As pernas eram em feitiço de sacarroilhas, tendo as respectivas barrigas dilatadas, demonstração evidente duma prisão de gambial.

As coxas... bem, adiante. Nós não temos nada que nos meter com as coxas de ninguém. Bem lhes basta a desgraça de não poderem correr... por serem coxas!

As ancas eram de grandes proporções; de longe pareciam dez ancas (ou não desancas). A bacia, enorme, lembrava a de Leixões, com o farol à frente e os dois titans atrás. Subindo por este exemplar de beleza, davam os nossos olhos com um seio opulento, formidável, grandioso, a que se podia chamar com propriedade o seio da família, porque no meio dêle cabia tôda a família por mais numerosa que fôsse!

*
* *

E o rosto da Engrácia? Um modelo de beleza e perfeição.

O queixo comprido e um tanto côncavo lembrava uma calçadeira. A bôca com quinze centímetros de extensão por vinte de diâmetro, era o pano

de bôca (ou ela não fôsse bôca)! que ocultava três dentes partidos e dois queixais furados, queixais de que a Engrácia se queixava, talvez por serem queixais.

O nariz nada tinha de aquilino nem de ribeiro, era uma batata de grandiosas dimensões, o que não admira, sabendo-se que o pai da Engrácia era inglês e importava semente *up-to-date*.

Os olhos eram cada um da sua qualidade, um de perdiz e o outro de carneiro mal morto.

E que dizer do cabelo da Engrácia? Farto, crespo, sedoso e duma côr tão original e imprecisa que ninguém podia definir de que côr era. Não era castanho, nem roxo, nem amarelo... Era meio preto e meio branco, ou seja um cabelo mulato, que é uma coisa muito rara, mesmo nas plagas africanas.

*
* *

Pois bem. A-pesar-da Engrácia ser a deliciosa Vênus que acabamos de descrever, o Hilarião da Silva, apaixonou-se perdidamente por ela, e perdeu de tal maneira a cabeça que num ano deu cabo de tresentos contos em vestidos, automóveis, jóias, etc.

E quando um amigo o censurava por êle se ter arruinado por um camafeu como era a Engrácia, o Hilarião desculpava-se, dizendo:

— Então, que queres? Mais vale cair *Engrácia* do que ser engraçada!

LEIDOAR.

A Estante da MARIA RITA

Onde se farão referências, *segundo a indole do nosso jornal*, aos livros de que nos forem enviados dois exemplares.

O Prazer do Perigo, de Alberto Insúa — Tradução do Dr. Campos Monteiro. Edição da Livraria Progredior, do Pôrto.

E' uma belíssima obra, de que não podemos dizer maravilhas porque a tradução é do patriarca cá da casa. A obra em si é quasi tão boa como a tradução; e a tradução tão boa como a obra. Trata-se duma mulher moderna assim como a MARIA RITA, cujos olhos se abriam desmedidamente para a vida de hoje, e isto ia-a cegando. Muiíssimo recomendável.

Paqueta, de Horácio Pinto.

Tôda a gente no Pôrto e circunvizinhanças como Faro, Loulé, etc., conhece o Horácio Pinto

como jornalista e escritor de verdade. Mas só se conhece o H. P. verdadeiramente como amoroso ardente e pintor de sonhos, depois de lêr a *Paqueta*. Bem editado, barato e interessante.

Touros e Toureiros, por Carlos Abreu.

Ora aqui está o que se pode chamar verdadeiramente um cartaz perpétuo das corridas nacionais. Neste livro fala-se de tudo. Desde o valor dos toureiros portugueses, até à árvore genealógica dos touros. E já que de touros trata, pode-se dizer afoutamente que é um livro que se lê de *ponta a ponta*.

Dois labregos na praia.

— O' *Tone* tu que estás aqui a fazer?

— Não sei bem; mas o médico disse-me que eu vinha *tonificar*... E tu, Zé?...

— Não sei; mas talvez venha para *Josefizar*...



COISAS DE FORA

PORTUGAL FORA

Penafiel, 15 — Calorias — Continua o calor, com ofensas à integridade física dos bípedes mamíferos, e quejandos bis-bípedes de respiração branquial. Contudo o higrómetro regista tempo variável, com elevações entumecidas por terras de Poitrine, em pátrias femininas.

Marrocos — Dêste protectorado com paredes tem vindo a esta cidade vários filhos de Kalifas daquele reino, ouvir o concêrto da banda regimental. Geralmente passeiam sós, sendo êste facto devido à diversidade de idiomas, usos e costumes...

Assuntos judiciais — Fôram nomeados para esta marca centenas de contadores, acéfalos, manetas e coxos. Como o carro americano, andam numa roda só e comem pipas e pipas de electricidade em pó. Falam em linguagem matemática, espécie de *sanscrito* a que chamam quilho...watts na hora. A esta nomeação não é estranha a nossa edilidade.

Moedas — Dentro em breves dias deve abrir a sensacional exposição de Moedas Antigas. S. Cipriano, protector, neste concelho de colecionadores de raridades, virá assistir. Os prémios são valiosíssimos. Entre as raridades figurarão algumas moedas tôdas traba-

lhadas em pedra e algumas em papel. Apenas as notas de 500\$00 não podem comparecer.

A exposição terá lugar na capela do Senhor dos Passos.

Homenagem à lá minute... — Vai ser prestada a um fotógrafo que tôdas as quinzenas costuma focar as damas da terra, com rara habilidade. Tôdas as gentis de Penafiel vão oferecer-lhe uma nova máquina, visto que a que êle usa já está bastante velha, em lindo estôjo, com sentida dedicatória.

No dorso, a máquina levará gravados os seguintes dizeres:

"Pediremos a Deus que interceda por ti, que consiga purificar-te de tôda a mácula e dar-te guarida na celestial mansão. Amen."

Como a referida máquina só será usada de quinze em quinze dias, pensa-se em propor-lhe que use a lente em substituição do ôlho sobreceiente que ostenta à maneira de *mono-luneta*.

Torneio — No *tiródromo* desta capital teve lugar uma hecatombe *pombelral*. Muito caçadores atiraram, mas em vão, para as pombas, mas por falta de bom ôlho erraram o alvo.

Algumas pombas, como nas garraia-das, saíram às arrecuas, para o sol não dar de frente e porque era proibido às pombas trazer óculos amarelos. A um caçador, ouvimos dizer que a pomba lhe saíu de rabo alçado, de maneira que, ficando o dito no chão, pôs-se logo fora da rêde.

Procuramos o presidente do Club para que nos dissesse qual o motivo de tantas eliminações. — E' opinião corrente, respondeu, que os torneios tal qual se realizam com seis gaiolas para cada caçador tornam muito difficil o tiro e debilitam muito, se atendermos que a maior parte dos caçadores são já trintões...

Nós vamos organizar um torneio de... rolas, em que só haverá uma gaiola para cada caçador."

Rachadas e partidas — **Harnesto Seixal** — Anda em preparativos há dois meses para partir para a cidade do *mármore e granito* êste nosso primo. A Companhia Nacional porá à disposição do nosso patricio um rebocador de alto-mar, que virá receber Sua Ex.^a ao porto de Cavalum.

Ao bota-fora, comparecerão diversas entidades officiais, Madame Lampreia e Miss Penafiel. Sua Ex.^a o primi-

nho é portador de duas enguias riais com crista para o seu primo Doutor Gentil.

Aproveitando a sua estada em Lisboa, avistar-se há com um grupo financeiro americano, para transaccionar dois coupons ao portador, da Câmara de Gaia.

Lord Kakaen — Foi a Lisboa assistir às exéquias êste grande financeiro sueco, primo de Kreuser, rei defunto dos palhetes. Aproveitou a ocasião para submeter as suas nêvas mãos a um tratamento melindrosíssimo, em virtude de estarem a ser atacadas as unhas por certo fenómeno de roição.

Obus 7,5 — Foi à mesma cidade fazer uma conferência sôbre a trajectória dos projecteis e os raios de curvatura, sob a influência atmosférica, esta grande peça.

Foi realizada na Avenida da Liberdade, ficando a mesa da presidência debaixo do monumento aos Restauradores.

Em virtude de não comparecer o presidente, o conferente occupou todos os lugares fazendo-se secretariar por dois *anjos da guarda*.

Dizem os jornais que a assistência chorou copiosamente com os horrores relatados.

Foi-lhe conferida a medalha do Latão.

Mário RITO.

Pode lá ser!



— Imaginem que êste idiota é da opinião que nós descendemos do macaco!

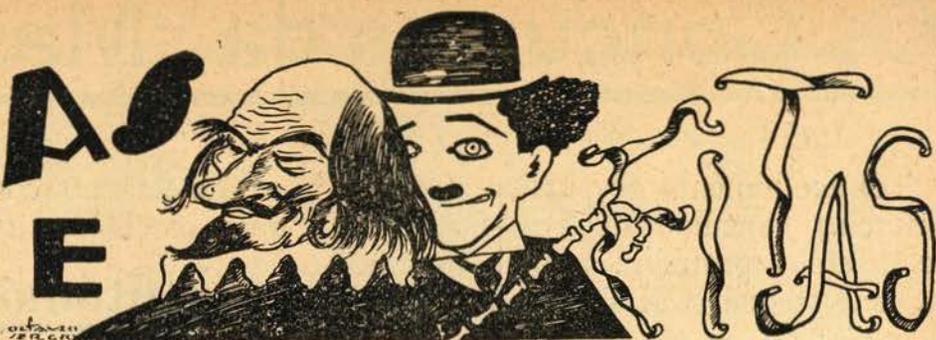
Trabalhos forçados



— Este quadro levou-me 10 anos a pintar.

— Isso é o que se chama um modelo condenado a trabalhos forçados.

PEÇAS E



O cúmulo da delicadeza

Peça em 3 prestações, em continuação da célebre peça já publicada na MARIA RITA, com um sucesso de 60 representações seguidas: "O assassino delicado"

PRIMEIRA PRESTAÇÃO

Passa-se num eléctrico, vulgo Severiano. Absolutamente apinhado como será óbvio acrescentar. A um canto morrem dois passageiros por asfixia neste caso dupla.

O CONDUTOR, *que nesta altura vai a meio do carro e com a cobrança no mesmo estado, a um passageiro* — Para onde vai?

O PASSAGEIRO *vai a responder meticolosa e delicadamente, mas é interrompido pelo assassino delicado, que se dirige subpreteciosamente ao condutor* — Este senhor, vai muito direitinho para casa dêle, coitado. E o meu caro amigo foi indelicado para com êle, ouviu? *Tira-lhe a saca e fura-lhe a língua, com o alicate, em três sítios. Depois mata-o como pode. Em seguida, ao ver o espanto do guarda-freio, toca à campainha para andar e começa êle a fazer a cobrança para não evitar transtornos.*

SEGUNDA PRESTAÇÃO

E' passada num elevador dêstes de trazer por casa. Nesse dia o HOMEM DO ELEVADOR já tinha feito 252 viagens para baixo e apenas 37 para cima. Talvez por causa disto o sangue tinha-lhe subido à cabeça. Mau humor. Irritação. Música forte.

O ASSASSINO DELICADO, *entrando com o pé direito* — Dá licença?...

O HOMEM DO ELEVADOR, *pondo um bigode postiço para parecer mais ruim* — Entre...

O ASSASSINO DELICADO, *entrando* —

Muito obrigado. Queira ter a bondade de me conduzir ao quarto.

O HOMEM DO ELEVADOR, *abespinhado* — Eu não sou dêsses, ouviu?

O ASSASSINO DELICADO — Queira desculpar. E o meu caro amigo, em que andar mora?

O HOMEM DO ELEVADOR, *olhando de revés para as reivindicações sociais.* — Como os desgraçados, moro nas águas-furtadas!

O ASSASSINO DELICADO — Excelente. *De uma algibeira do colete tira uma navalha de barba e escanhoa as carótidas ao Homem do Elevador.*

O HOMEM DO ELEVADOR, *morrendo bem* — Sinto que a minha alma e o meu corpo vão subindo.

O ELEVADOR, *parando* — Brr...

O ASSASSINO DELICADO, *limpa-se da poeira, do sangue, sai a porta e faz girar o elevador até às águas-furtadas.*

TERCEIRA PRESTAÇÃO

Chez Monsieur Leitão, um grande restaurante moderno. A uma mesa dois convidados do assassino delicado.

Vai em meio o jantar. Vinhos, águas-fortes pelas paredes.

UM DOS CONVIDADOS — Magnífico banquete. E' pena que ao assado, em vez de consabido peru, não nos seja servido, ao menos um leitãozinho. Gosto tanto!...

O ASSASSINO DELICADO, *comendo e ruminando* — Um leitãozinho!... *De re-*

pente tem um vislumbre muitíssimo natural. Chamando pelo criado — José!...

JOSÉ, *vindo* — O senhor que deseja?...

O ASSASSINO DELICADO — ...que o seu patrão venha cá muito de-pressa.

Neste entremente ouve-se o barulho de facas, de garfos e de colheres. A um canto um cavalheiro come sopa, como quem come melancia: com barulho.

O PATRÃO, *vindo* — A's ordens de Vossas Excelências...

O ASSASSINO DELICADO, *vendo-o, saca de uma pistola e estende-o aos pés.*

O PATRÃO, *morrendo* — Abençoado seja!...

O ASSASSINO DELICADO, *aos convivas* — Como vêem, já temos o Leitão morto. Resta mandá-lo assar.

J. de ARTIMANHA.



CARTAZ DE HOJE

S. João: Ainda não encerrou as suas doiradas portas para obras.

Olimpia: Cinema sonoro, com as melhores produções.

Passos Manuel: Variedades, com números de grande atracção.

Batalha: O grande êxito sonoro de René Clair, *Sob os telhados de Paris*, com Albert Préjlan e Pola Illary.

Os Concursos da "Maria Rita,"

O acolhimento do público ao nosso primeiro concurso de Pim-Pam-Pum (e dizemos primeiro, porque havemos de fazer segundo se Deus nos der vida e saúde) foi de tal forma gentil e animador que não podemos por nenhum motivo deixar de corresponder a êsse acolhimento.

E como? Pensamos nós.

— Da maneira mais simples .. respondeu-nos o homem das Artimanhas cá da casa.

Fazendo um novo concurso, mais rápido, mais simples e da mesma forma lucrativo.

Foi assim que nasceu a ideia do *Concurso de Setembro*, ou

o Automóvel-Mistério

concurso simplicíssimo e que se resume nisto:

A MARIA RITA publicará tôdas as semanas um mapa de Portugal (parte Norte do Tejo) Nesse mapa será representado gráficamente o seguinte:

- Diversas cidades importantes
- Diversos rios principais
- „ monumentos célebres
- Diversas estâncias termas
- „ praias da beira-mar.

Depois, cada semana a MARIA RITA perguntará aos seus leitores.

Qual é o itinerário do

Automóvel-Mistério?

E dirá para facilitar, que nessa semana o automóvel, terá de atravessar tantos rios, passará tantas praias ou termas, visitará tantos monumentos, e parará em tantas cidades.

Restará ao concorrente o adivinhar quais as cidades, os rios, etc., que

o Automóvel-Mistério

atravessará.

PRÉMIOS

Ao concorrente que adivinhar o itinerário certo, o qual terá de ser desenhado a tinta no próprio mapa que a MARIA RITA publicará,

500\$00.

Aos concorrentes que derem só 1 êrro: três prémios de 100 escudos, ou sejam

300\$00.

Aos concorrentes que derem só 2 êrros: quatro prémios de 50 escudos, ou sejam

200\$00

aos concorrentes que derem só 3 êrros: cinquenta prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor, ou sejam:

500\$00

E aqui tem V. Ex.^a um concurso do

Automóvel-Mistério

simples, rendoso e rápido visto que é tôdas as semanas. Os mapas já marcados, terão de ficar em nosso poder até à quarta-feira seguinte, para se fazer o apuramento de acôrdo com o verdadeiro itinerário que a MARIA RITA publicará, e estará patente ao público, devidamente lacrado e selado como de costume, nas montras da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.